

ILUSTRES ANÔNIMOS: IMPRENSA, INTELECTUAIS E A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS EM MATO GROSSO (1880-1920)

*Adriana Aparecida Pinto**

Resumo: Por meio de investigação histórica, o presente artigo indica possibilidades de análise da imprensa periódica, de circulação geral, no que diz respeito à compreensão do papel dos intelectuais em um cenário comum – a configuração cultural do território mato-grossense entre os anos de 1880 a 1920. Parte-se da premissa que a imprensa deve ser colocada ao lado dos progressos materiais indicativos da modernidade, que gradativamente chegaram ao território a partir da segunda metade do século XIX. Os jornais mato-grossenses difundiram os ideais das instâncias políticas e do poder, representados pelas famílias tradicionais que se alternavam no poder e se ramificavam pelas municipalidades. No entanto, os jornalistas, categoria fluída em termos profissionais, desfrutavam de legitimidade social, pois se vinculavam à produção, circulação e divulgação de valores (MICELI, 2001), sendo também formadores de opinião e, na concepção que orienta este texto, “intelectuais-mediadores/medidores culturais”. Interessa discutir como profissionais de áreas distintas constituíram-se como editores, colaboradores e articulistas, integrando a categoria de intelectuais, partindo de uma conceituação proposta por Jean-François Sirinelli (1998, 2003).

Palavras-chave: Imprensa Periódica; intelectuais mediadores; jornais; Mato Grosso.

* Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História - UNESP Assis/SP (2017-2018) sob a supervisão da Profa. Dra. Tania Regina de Luca. Professora Adjunto III nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados/MS. E-mail: adrianapintoufgd@gmail.com

ILUSTRES ANONYMOUS: PRESS, INTELLECTUALS AND THE CIRCULATION OF IDEAS IN MATO GROSSO (1880-1920)

Abstract: Through the historical investigation, this article indicates analytical possibilities of the periodic press of general circulation, in contemplation to the understanding of the intellectuals' role in a common conjuncture - the cultural configuration of the Mato Grosso's territory between the years of 1880 to 1920. It starts from the premise that the press should be placed alongside the material advances indicative of modernity, which gradually reached the territory from the second half of the nineteenth century. The newspapers of Mato Grosso diffused the ideals of the political and power instances, represented by the traditional families, who alternated in the power and branched out by the municipalities. However, journalists, a professionally fluid category, enjoyed social legitimacy, since they were linked to the production, circulation and dissemination of values (MICELI, 2001), as well as opinion formers and, in the conception that guides this text, mediators / cultural meters. It is interesting to discuss how professionals from different areas constituted themselves as editors, collaborators, writers, integrating the intellectual category, according to the concept proposed by Jean-François Sirinelli (1998, 2003).

Keywords: Periodic Press; intellectual mediators; newspapers; Mato Grosso.

ILUSTRES ANÓNIMOS: PRENSA, INTELLECTUALES Y LA CIRCULACIÓN DE IDEAS EN MATO GROSSO (1880-1920)

Resumen: Por medio de la investigación histórica, el presente artículo indica posibilidades de análisis de la prensa periódica de circulación general, en lo que se refiere a la comprensión del papel de los intelectuales en un escenario común - la configuración cultural del territorio Mato Grosso entre los años 1880 a 1920. Se parte de la premisa que la prensa debe colocarse al lado de los progresos materiales indicativos de la modernidad, que gradualmente llegaron al territorio a partir de la segunda mitad del siglo XIX. Los periódicos mato-grossenses difundieron los ideales de las instancias políticas y del poder, representados por las familias tradicionales, que se alternaban en el poder y se ramificaban por las municipalidades. Sin embargo, los periodistas, categoría fluida en términos profesionales, disfrutaban de legitimidad social, pues se vinculaban a la producción, circulación y divulgación de valores (MICELI, 2001), siendo también formadores de opinión y, en la concepción que orienta este texto, intelectuales-mediadores / medidores culturales. En el caso de los profesionales de áreas distintas se constituyeron como editores, colaboradores, articulistas, integrando la categoría de intelectuales, partiendo de una conceptualización propuesta por Jean-François Sirinelli (1998, 2003).

Palabras clave: Prensa Periódica; intelectuales mediadores; periódicos; Mato Grosso.

A imprensa em Mato Grosso: itinerário de pesquisa e uma história a ser escrita

Ao sinalizar que “o dever de um jornal não é exclusivamente procurar dar o que agradar, é também e principalmente procurar dar o que é útil, o que pode produzir proveitosos frutos, ou que ao menos sirva para despertar o gosto e o amor pelas letras” (O CORUMBAENSE, n. 60, 16/02/1881, p. 01), a imprensa mato-grossense dos anos finais do século XIX colocava-se como importante veículo de educação, comunicação e circulação de ideias no cotidiano citadino.

Entendendo que essa tipologia documental – impressos de natureza periódica – auxilia na compreensão de fatores opacionados em outro tipo de documentação, o presente artigo aponta elementos para a reflexão e aprendizagem relativas à configuração cultural do território mato-grossense, entre os anos de 1880 a 1920, pautando-se nas possibilidades de pesquisa com e sobre a imprensa (jornais), com recorte temático centrado no papel daqueles que a movimentavam, entendidos aqui como intelectuais mediadores.

A circulação de ideias e pessoas pode ser amplamente capturada no exame de jornais de períodos recuados, ainda que pesem a dificuldade de identificação de autoria, a irregularidade na sequência das publicações e o próprio acesso à documentação, por vezes encontrada em condições e acervos distintos. Estudos realizados forneceram indicativos de que a imprensa entre os séculos XIX e XX, em Mato Grosso, foi terreno fértil para a produção de saberes e circulação de ideias, disseminando valores, leituras de mundo, posicionamentos políticos e práticas culturais¹ (PINTO, 2017, 2013).

Mesmo com produção modesta quando comparado à São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, Mato Grosso figura nos *Anuários Estatísticos Brasileiros* (1908-1912) entre os Estados que contam com atividades editoriais desde a primeira metade do século XIX. Os primeiros jornais mato-grossenses datam de 1839/40 e com circulação iniciada em Cuiabá, com frequência e regularidade limitadas e edições nem sempre contínuas. Moraes (2003) destaca que, entre os anos de 1839 a 1878, circularam em Mato Grosso aproximadamente 13 jornais, nas décadas seguintes (1878-1920) o número de títulos aumenta vertiginosamente, passando à 73 em circulação (MORAES, 2003, p. 31). Essa profusão de títulos pode ser, em boa medida, atribuída ao desenvolvimento de novos centros urbanos, mesmo nas cidades portuárias que sediam boa parte dos jornais em circulação no período, e ao surgimento de Partidos Políticos, Ligas, Associações Literárias, Dramáticas e Científicas que alimentavam as notícias do cotidiano mato-grossense, bem como protagonizaram embates com setores estabelecidos na sociedade, como a Igreja e grupos políticos antagônicos.

Não se pretende, neste texto, fazer a história da imprensa ou do jornalismo de Mato Grosso: este estudo ainda está por ser feito, visto que a produção acessível se encontra alicerçada em trabalhos produzidos até a década de 1970, culminando com “A Imprensa de Mato Grosso” de Pedro Rocha Jucá, originalmente publicado em 1986 e reeditado como edição comemorativa do centenário da Imprensa em Mato Grosso (2010). Outrossim, parte do princípio que os sujeitos históricos envolvidos com a imprensa durante esses 40 anos, qualificados como intelectuais por suas ideias, trajetórias individuais e coletivas, ações

em grupos diversos do seu campo de formação/atuação profissional, mobilidade social que desfrutaram durante as décadas de 1880 à 1920, reforçam o uso do conceito em seu entendimento mais contemporâneo – intelectuais mediadores –, como sugerem Gomes & Hansen (2016) e Schueler (2007), amparadas em Jean-François Sirinelli (2003).

A imprensa figura como um espaço de alocação, formulação e divulgação da dimensão político-social, em primeira instância, mas também cultural. Carlos Vieira (2007) afirma que os congressos e publicações dos últimos 20 anos já tem sinalizado a importância e continuidade dos debates sobre o tema dos intelectuais “retirando das sombras personagens e cenários antes desconhecidos” (VIEIRA, 2007, p. 08).

Sobre a importância da imprensa e sua representatividade como força dominante nos processos de produção e circulação do conhecimento, Sergio Miceli (2001, p. 17, grifo nosso) assevera:

Não havendo, na República Velha, posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. *Em termos concretos, toda vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção intelectual da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais.* Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros havia pouco importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica.

Importa destacar que os marcos cronológicos-periodizadores, em boa medida, se diluem no tratamento do tema, visto que alguns dos intelectuais mapeados na pesquisa movimentam-se pela imprensa, mas mantêm ocupações diversas ao longo do período. Quanto à periodicidade, foram considerados os impressos com produção acima de dois anos de 1880 a 1920, visto que boa parte não apresentava ciclo de vida extenso. O investimento de produção e circulação desses impressos demandavam alto custo e sua impressão, até certo período, não era feita em Mato Grosso. No que concerne à circulação dos periódicos selecionados, esta não cingiu-se à capital Cuiabá, sede de boa parte dos títulos, mas também à Corumbá, por seu papel preponderante na organização social, política, econômica e cultural de Mato Grosso.

As cidades de Cuiabá e Corumbá ocuparam postos de destaque na configuração política e econômica do Estado, em virtude de serem importantes entrepostos comerciais. João Carlos Souza (2008, p. 36) estabelece um panorama para o cenário daquela localidade, revelando seus pontos fortes e suas fragilidades:

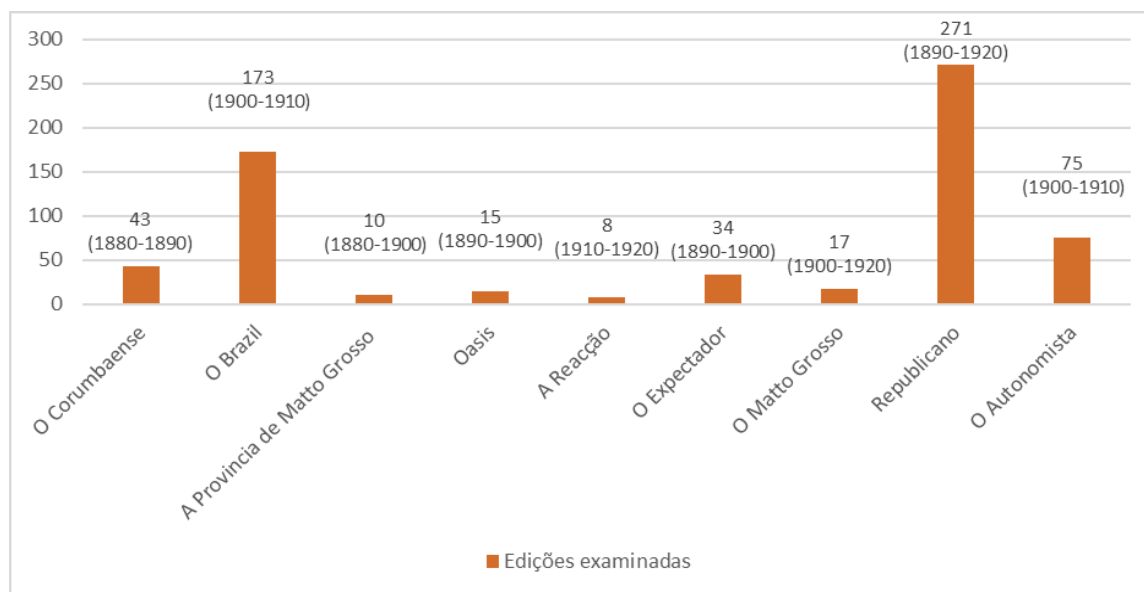
É significativo que a navegação internacional, que tinha seu ponto terminal em Corumbá e era realizada por navios de maior calado, já na primeira década após a Guerra com o Paraguai, contribuiu para que a cidade se tornasse polo de distribuição das mercadorias para a capital Cuiabá, bem como para outras regiões da Província.

E em outra passagem destaca,

Assim como o telégrafo, a ferrovia gerou expectativas de grande progresso para a região sul do estado e a imprensa identificava essas novas tecnologias de comunicação e transporte como o ingresso, o passaporte que colocaria Mato Grosso no nível da civilização. Cada um desses acontecimentos provocou análises que partiram de pressupostos comuns sobre o significado desses símbolos da modernidade, mas com percepções diferentes quanto aos seus resultados com relação ao futuro das duas principais cidades de Mato Grosso, a capital Cuiabá e a portuária Corumbá. (SOUZA, 2008, p. 49).

A documentação que dá sustentação ao estudo segue apresentada no Gráfico 1: Títulos dos jornais examinados, período de circulação, edições lidas e mapeadas no que concerne aos textos e identificação e informações alusivas à presença/participação dos intelectuais na cena pública mato-grossense, buscando analisar em que medida podem, assim, ser qualificados. Os sujeitos dessa história que se busca ensaiar estiveram ligados direta e indiretamente a lugares sociais, que lhes possibilitaram, em boa medida, difundir seus interesses pessoais, ou dos grupos coletivos aos quais pertenciam, militavam ou eram vinculados de modo profissional ou religioso. Dar visibilidade a essas redes de atuação, espaços de sociabilidade e conformação de ideias e interesses socioculturais, com fundo por vezes moral-educacional, passa pelas preocupações perseguidas por este estudo.

Gráfico 1: Jornais e edições examinadas



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Cabem aqui algumas indagações relativas à autoria e ao modo de circulação das ideias dadas a ler por meio desses jornais: Quem foram os “Homens de Letras”, já que raras eram as mulheres letradas, em Mato Grosso? Em quais espaços sociais circulavam? Que formação, atividades ou profissões desempenhavam os aclamados intelectuais mato-grossenses? Sabe-se que vários, além de escreverem na imprensa, também eram professores, o que amplificava suas possibilidades de intervenção no espaço público. Qual o papel desempenhado pela imprensa que, como se sabe, era um elemento essencial da constituição do campo letrado

no Brasil? Antes ainda, vale questionar: seria o jornal um meio de comunicação “nobre” e significativo para circulação de ideias desses intelectuais?

Dar a conhecer esses “sujeitos ordinários” da escrita mato-grossense (CERTEAU, 2014), Homens de Letras (DUTRA, 2005; SCHUELER, 2008), Homens de Saber ou Ancestrais da Intelectualidade (BOTO, 2017), Escritores-cidadãos (SEVCENKO, 1985), intelectuais-historiadores (GOMES, 2013) ou grupo de notáveis, como aponta o historiador sul mato-grossense Oswaldo Zorzato (1998), sustenta estudos que os qualifica como intelectuais-mediadores (GOMES; HANSEN, 2016). Quem foram, onde estiveram, que recursos de escrita mobilizaram para expor suas ideias, de seus grupos de pertencimento social e cultural e como a imprensa, em caráter decisório, torna-se ferramenta essencial para o atendimento aos seus objetivos propostos. Algumas das várias possibilidades de compreensão do conceito de intelectual com o qual os autores acima citados trabalham valem ser pontualmente recuperadas: em uma via distinta da apontada, Adauto Novaes (2006) problematiza a noção de intelectuais associada às categorias apresentadas:

Antes, é preciso definir quem é o intelectual.

Sabe-se que ele não é, necessariamente, o homem de letras, o artista, o político, o historiador, o filósofo, o sábio, etc., ou seja, sabe-se que nem todo homem de letras, nem todo artista, nem todo político etc. é intelectual, o que não significa que um deles não possa vir a ser [...]. Não existe, portanto, essa figura do intelectual em tempo integral ou inteiramente intelectual. Para transformar-se em intelectual o ser deve desdobrar-se, acumular momentaneamente nele mesmo outras funções, deixar de lado os saberes particulares para se dedicar ao trabalho de crítica e à luta pelos ideais universalizantes: razão, justiça, liberdade e verdade. [...] Ele não é o teórico, muito menos o homem da vida prática e do saber objetivo: pode-se dizer, mais precisamente, que ele encarna o espírito crítico, capaz ao mesmo tempo de reconstruir o passado e construir idealmente o futuro. (NOVAES, 2006, p. 12-3).

Em outra discussão igualmente problematizada, Francis Wolff (2006) aponta Sócrates como “o primeiro intelectual de nossa história, por ser o primeiro pensador perseguido não por suas ideias (como Anaxágoras), mas simplesmente por exercer sua função intelectual, a do pensamento, isto é, a do pensamento livre” (WOLFF, 2006, p. 49). Em outro momento, complementa que “o intelectual está em posição de recuo: não está nem na vida política, como um político, nem fora da vida política, como um pesquisador científico. Está dentro, mas à margem” (WOLFF, 2006, p. 53). Para Wolff (2006), os verdadeiros intelectuais foram os sofistas, tendo em vista que contemplavam a condição de ser sustentado por seus pares, “ele se torna possível por um movimento de ideias e, de maneira mais geral, por condições sociais e históricas, nem que seja apenas uma certa abertura do espaço público” (WOLFF, 2006, p. 54). Ao recuperar Bourdieu para dar sustentação ao seu argumento, é possível compreender de modo mais abrangente a posição de Wolff (2006, p. 64):

Os intelectuais têm, por função, uma postura de dominação simbólica (porque falam em nome das ideias, dos ideais e dos valores e não dos interesses particulares); eles dispõem, portanto, de uma capacidade de impor normas de julgamento, e, por isso, não importa o

que digam e façam, há necessariamente neles uma duplicidade fundamental ante o poder, que eles criticam tanto mais quanto porque são fascinados por ele e exercem, eles próprios à sua maneira, um equivalente desse poder, ao se erigirem em instância crítica absoluta. É esse poder intelectual que Bourdieu sempre denunciou, assumindo o fato de que, ao fazer isso, também ele combatia como intelectual no mesmo terreno do poder intelectual.

Na mesma condição de problematizar a aplicação do conceito intelectual, Renato Janine Ribeiro (2006) qualifica esse sujeito como aquele que lida com a transferência de conhecimento para um grande público, antes conservado ao acesso de poucos, ou seja, um cientista das humanidades, que trata das ciências sociais e humanas, nos seus desdobramentos nas letras, na filosofia e na história (RIBEIRO, 2006, p. 137). O autor define melhor esse papel ao afirmar que “nem todo o estudioso das ciências humanas e sociais é intelectual, nem todo cientista das exatas e biológicas se coloca fora do mundo da intelectualidade. O que caracteriza o intelectual é fazer uso público do conhecimento” (RIBEIRO, 2006, p. 141). Ao papel exercido por esse sujeito, Ribeiro (2006) não desvincula à condição essencial de mediador do conhecimento que adquire ou produz, e as formas de socialização, divulgação e apropriação, sendo adjetivado como “político do conhecimento”: “[...] o reino do intelectual é o das mediações. Ele é quem vincula o conhecimento ao seu valor, uma vez que, ao atribuir ou debater o valor das ideias, pensa sob forma da mediação. A mediação é condição para a ação” (RIBEIRO, 2006, p. 146-147).

Em relação a Mato Grosso, Sibeles de Moraes (2003) ensaia uma análise sobre os papéis atribuídos aos intelectuais do Estado. Na visão dessa autora, Mato Grosso destoava da construção de uma imagem progressista e moderna que se pretendia do Brasil entre a segunda metade do século XIX e início do XX, visto que “Mato Grosso, a partir do olhar do viajante estrangeiro, era visto como uma região de ‘atraso’, de ‘vazio’, e a população local como ‘incivilizada’” (MORAES, 2003, p. 14). Nesse sentido, Moraes (2003) destaca o esforço dos intelectuais mato-grossenses na busca por um novo conceito, contrário àquele que dominava o território: “Assim, as manifestações culturais mato-grossenses constituíam-se na busca da construção da identidade regional, com o resgate da origem bandeirante do povo de Mato Grosso. Paradoxalmente, esse passado permitia pensar, aos olhos desses intelectuais, em um Mato Grosso promissor de riquezas inesgotáveis” (MORAES, 2003, p. 14-15).

Perpassa a essa noção de intelectual a legitimidade na produção de discursos veiculados de modo a formar opiniões sobre os aspectos aos quais se relaciona. Há que se contar, ainda, com a validação e reconhecimento dos pares em seu espaço de inserção. Esses intelectuais assumiram a função de historiadores de Mato Grosso com a incumbência de forjar a memória e história da localidade visando à conformação de uma identidade regional. Pretende-se trazer à luz e “integrar os ‘pensadores da história’” (GOMES, 2013, p. 10) sujeitos afastados do campo intelectual, mas qualificados como “intelectuais de seu tempo” (GOMES, 2013, p. 38), por sua posição no campo cultural, político e social, e por sua participação ativa na imprensa regional. Corroborar-se, assim, com o encaminhamento de Gomes (2013) ao sinalizar que “o ofício de historiador era executado por uma categoria mais abrangente de intelectuais: dos ‘homens de letras’”. (GOMES, 2013, p. 38).

No presente artigo amplia-se a análise, partindo da importância desses sujeitos históricos, no lugar que estiveram e ocuparam dentro de uma certa tradição historiográfica

regional, ampliada por meio da imprensa, dando a conhecer outros sujeitos ordinários, que a seus modos, em seus espaços de produção e circulação de ideias, também desempenharam papel semelhantes, possivelmente com menos expressão divulgada, mas não com menos importância simbólica.

Ao se posicionarem sobre política, modos de educação, religiosidades, elementos da tradição histórica e cultural ou amenidades, os “nossos homens de letras – ilustres anônimos” teceram uma rede de conhecimento, ora paralela aos intelectuais constituídos e consolidados no cenário local, ora antagônica, pois enfrentaram temas considerados menos nobres, do ponto de vista das formulações de pensamento, mas que interferiram significativamente na compreensão de aspectos socioculturais da vida cidadina.

No sentido de fornecer mais informações acerca do cotidiano de circulação dos jornais, segue a tabela 1:

Tabela 1 – Circulação e especificidades dos Jornais mato-grossenses entre os anos de 1880 a 1920

Jornal/ Local	Período de circulação	Período em estudo	Valor dos exemplares avulsos	Circulação (Dia da semana)	Valor das assinaturas			
					Mensal	Trimes	Semes	Anual
A Provincia de Matto Grosso (Cuiabá)	Ano I - 1879 Ano XI - 1889	1880-1890	\$400	Semanal (Domingo)	*	*	8\$000	15\$000
O Matto Grosso (Cuiabá)	Ano XII - 1890 Ano LVIII - 1937	1890-1920	*	Semanal	1\$000	*	*	*
O Republicano (Cuiabá)	Ano I - 1895 Ano IV - 1899 Interrupção Ano I - 1916 Ano VIII - 1950	1890-1920	\$200	Semanal (Quintas e Domingos)	*	*	8\$000	15\$000
O Expectador (Cuiabá)	Ano I - 1884 Ano IV - 1898	1880-1890	\$300	Duas vezes por semana (Quintas e Domingos)	1\$000	*	*	*
Oasis (Corumbá)	Ano I - 1888 Ano IX - 1896	1880-1900	*	*	*	*	*	*
A Reacção (Cuy- abá -	Ano I - 1909 Ano 1913	1909-1920	*	periódica (Domingos)	*	*	*	*
Autonomista (Corumbá)	Ano I - 1904 Ano V - 1909	1900-1910		Semanal (sábados)	*	5\$000	9\$000	17\$000
O Corumbaense (Corumbá)	Ano I - 1880 Ano IX - 1889	1880-1890	\$160	Uma vez por semana (Domingos)	1\$000	*	8\$000	14\$000
O Brazil (Corumbá)	Ano I - 1902 Ano VIII - 1910	1900-1910		Semanal				

Fonte: Pinto, 2013, atualizada em 2018.

*a informação não consta nas edições
examinadas.

A circulação em duas a três vezes por semana, como demonstra a Tabela 1, foi considerada um dado significativo para compreender as representações forjadas por seus grupos de editores e interesses em voga. Por meio das notas da imprensa, era possível vislumbrar aspectos da sociedade mato-grossense, tendo em vista que o regime republicano se encontrava mais sedimentado, ainda que guardando significativas marcas do regime consolidado nas tradições familiares, herdadas do império. De acordo com o ideário político que orientava o desenvolvimento do país, Mato Grosso estaria na agenda de localidades a receber atenção, em virtude de sua condição geográfica favorável para a produção agropastoril e do seu amplo território, ainda a ser explorado. Ao retomar o contexto em que se inserem e circulam esses jornais, Fanaia (2010, p. 100) destaca a presença intensa da circulação das notícias no período:

Considerando o número aproximado de analfabetos, a distância dos centros mais populosos, as carências na área educacional, a dificuldade na obtenção de equipamentos e material de impressão, não deixa de surpreender a diversificação dos jornais à disposição do público. Pode-se afirmar que partido político, sem o seu respectivo órgão de divulgação, era em Mato Grosso, um meio partido, ou apenas o seu arremedo. A circulação, apesar dos problemas de comunicação, demonstra uma intensa troca de informações com outros centros e a reprodução frequente de textos úteis à causa defendida no Estado. Mesmo considerando a motivação primária para a impressão dos periódicos com o exclusivo objetivo de manter veiculado cotidianamente o nome dos atores políticos mais proeminentes, a iniciativa embutia também a expressa de externar o interesse do “longínquo” Estado pelo universo das letras.

Em relação ao processo de povoamento/ocupação à época da transição dos regimes políticos, Mato Grosso contava com 10 municípios, 92.800 habitantes, e em termos comparativos, Goiás já contava com 227.500 habitantes. Em uma sistematização mais pontual, haviam: em 1890, 12 municípios; em 1900, 14 municípios; em 1910, 17 municípios e encerra em 1920 sinalizando 21 municípios distribuídos no território mato-grossense (FANAIA, 2010). Contrapondo-se ao estado de despovoamento tem-se o volume de publicações periódicas identificadas entre os anos de 1880-1920: à época, registram-se em circulação mais de 30 títulos de jornais, com periodicidade semanal, alguns sendo publicados até três vezes por semana, como evidenciado na tabela 1.

Tal profusão de títulos justifica-se em um movimento nacional ao qual Eliana Dutra (2005) descreve como República das Letras, em curso desde os anos de 1840. A prática do jornalismo torna-se, para esses sujeitos históricos, o lugar mais adequado de obter rendimentos, gratificações e posições intelectuais, funcionando paralelamente às atividades políticas desenvolvidas por muitos daqueles que escreviam nos jornais da época, sendo um “expressivo canal de divulgação de seus textos e ensaios” (DUTRA, 2005, p. 22).

Esse canal de divulgação assume postura de enfrentamento explícito nos jornais, apresentando rivalidades entre os grupos católicos e anticlericais em nome da divulgação e consolidação de um conjunto de ideias que, supostamente, levaria Mato Grosso à superação do estado de latência em que se encontrava. Em um contexto mais ampliado, o embate entre católicos e anticlericais, sobre a genérica denominação de “livres-pensadores”, se torna uma

mola propulsora da imprensa em Cuiabá e Corumbá, bem como em outras localidades, como evidencia Andrade (2007, p. 194) quando discute a temática no contexto paranaense:

De um lado [...] formando um grande grupo com pontos programáticos comuns, sob a genérica denominação de livre-pensadores. De outro lado, a igreja católica e os intelectuais a ela vinculados, identificados pelos livre-pensadores como o lócus de defesa da monarquia e de práticas obscurantistas. [...] O anticlericalismo foi um movimento intelectual que debateu as doutrinas religiosas, questionou as instituições, envolvendo a juventude, [...] e que dominou a imprensa. A tendência anticlerical utilizou-se do campo educacional, do campo literário e da imprensa para o desenvolvimento das ideias de cunho positivista, pitagórico, anticlerical, simbolista, cientificista, entre outros. De um lado, o grupo do simbolismo literário e, de outro, o clero, que se organizava por meio da ampliação do sistema de ensino, dos colégios dirigidos por congregações estrangeiras e de seus jornais.

Em Mato Grosso, a Liga dos Livre-Pensadores valeu-se da imprensa periódica para demarcar seu espaço de atuação, divulgar ideais e publicizar antagonismos em relação aos grupos religiosos estabelecidos, sobretudo àqueles vinculados à Igreja Católica. O jornal *A Reacção* foi porta-voz deste grupo, congregando número significativo de membros que ocupam lugares socialmente destacados na sociedade civil cuiabana e corumbaense. Fundado em 21 de abril de 1909 em Cuiabá, subintitula-se “orgam da Liga Mato-grossense de Livre Pensadores”, opondo-se, radicalmente, aos interesses dos grupos católicos, os quais acusavam de cercear e impedir o livre pensamento e circulação de ideias.

Os católicos, por sua vez, constituíram, segundo Moraes (2003), “um grupo intelectual ligado à Igreja Católica” (2003, p. 28), valendo-se igualmente da imprensa para promulgar suas ideias e realizar tanto defesas quanto acusações ao grupo opositor. O jornal *A Cruz*, considerado por Canavarros (2009) “o mais representativo da cidade [de Cuiabá] do ponto de vista cultural [...] tinha enfoque cultural e preocupação catequética, doutrinária, procurando travar embates de ideias, valores, evitando as configurações personalísticas e partidárias” (2009, p. 359), figurou como importante elemento para compor esse cenário de disputas à época. A julgar pelas publicações referenciadas pelo jornal *A Reacção*, as publicações poderiam não ser partidárias do ponto de vista político, mas o eram no aspecto moral-religioso. Moraes (2003) também destaca que a “abertura de um grande número de periódicos, durante a gestão administrativa de D. Carlos, possibilitou a divulgação de novas ideias, muitas delas contrárias aos ensinamentos defendidos pela Igreja Católica” (2003, p. 31).

Ao se registrar a significativa participação do setor religioso nos debates socioculturais, estes alçam também à condição de intelectuais mediadores: atuaram como professores em escolas das congregações e públicas; foram diretores de instituições escolares destinadas à formação da elite mato-grossense; compartilharam de equipes editoriais de jornais diversos; produziram manuais de ensino; editaram e colaboram em Revistas, a exemplo da *Revista Matto Grosso* (PINTO, 2010; FALCO & PINTO, 2017), promovendo a difusão de conhecimento sobre seus valores, crenças nos jornais do período e, de modo mais orgânico, divulgando seu projeto educacional para a sociedade mato-grossense. A *Revista Matto Grosso*, ao lado dos jornais, configura-se em outro espaço editorial de produção, difusão e circulação de ideias, permitindo aos grupos que pactuavam ideias semelhantes aos editores forjar modos de ver

e perceber a sociedade mato-grossense, defendendo certa moral, bons costumes e valores permeados pelo cristianismo católico, na perspectiva dos salesianos, entre os anos de 1903 a 1915.

Os estudos inaugurais de Oswaldo Zorzato (1998) e Lylia Galetti (2000, 2012) abordam, em momentos distintos, a configuração e representação de aspectos ligados à instauração de uma cultura intelectual em Mato Grosso para contrapor um conjunto de representações forjadas sobre o território, a partir da leitura de memorialistas, viajantes e outros “forasteiros” que escreveram sobre Mato Grosso sem, contudo, abordar essa problemática pela via dos impressos periódicos. Zorzato (1998) destaca três obras emblemáticas para a historiografia de Mato Grosso, produto de historiadores regionais – **Quadro Corográfico de Mato Grosso** (1906), **Datas Mato-Grossenses** (1919), ambas de Estevão de Mendonça e a produção encomendada **Álbum Gráfico de Mato Grosso** (1914). Desse cenário emergem os nomes e trajetórias de: “[...] Antônio Fernandes de Souza, Firmo Rodrigues, Filogônio de Paula Corrêa, João Barbosa de Faria, Estevão de Mendonça, José Barnabé de Mesquita e Virgílio Corrêa Filho. De todos eles, os três últimos são, sem dúvida, os de maior expressão para a memória historiográfica mato-grossense” (ZORZATO, 1998, p. 28). Atuando como historiadores, com participação ativa na imprensa mato-grossense, não passaram, na análise de Zorzato (1998) de “escribas dos governos os quais estão ligados e que, em geral, viabilizam as publicações de suas obras” (1998, p. 163).

Embora essa movimentação compreenda os anos de 1890 a 1930, o autor relativiza a contribuição da imprensa periódica. Com base em Sirinelli (1998), deduz-se que o grupo ao qual Zorzato (1998) qualifica como elite intelectual mato-grossense também é, ao lado de outros, de intelectuais mediadores. Dentre estes, identificamos professores, como Filogônio de Paula Correa, Gustavo Kuhlmann e Firmo Rodrigues, que atuaram no Liceu Cuiabano e foram ainda redatores, editores e/ou colaboradores nos jornais em circulação. Sirinelli (1998) pontua que, em determinados momentos da história, os estudos sobre as elites culturais situam-se numa espinhosa encruzilhada visto que, por vezes, os mesmos sujeitos do campo cultural situam-se e movimentam-se fortemente no campo político.

Foi, aliás, em virtude dessa situação de encruzilhada que o interesse se fixou, primeiramente, a partir dos anos de 1970, entre alguns historiadores no limiar de suas investigações, sobre a posição dos intelectuais, que permitia ligar a história política, a caminho de descobrir o seu segundo fôlego, e a história cultural, que, para o estudo do século XX, se encontrava ainda em larga medida nos limbos. (SIRINELLI, 1998, p. 259).

Os intelectuais qualificados por Zorzato (1998) foram aqueles que, também memorialistas, consolidaram por meio de obras extensas e vultuosas, algumas com características de compêndios, uma historiografia mato-grossense. São sujeitos históricos que estiveram envolvidos em várias esferas da vida social, pública e política, mas não foram os únicos, conforme o estudo que vem sendo realizado demonstra (PINTO, 2018).

O meio intelectual não é um simples camaleão que toma espontaneamente as cores ideológicas de seu tempo. Concorre, pelo contrário, para colorir o seu ambiente. Os

letrados raciocinam de maneira endógena, mas o ruído dos seus pensamentos ressoa no exterior. É afinal o que dá sua especificidade à “alta intelligentsia”: dela participam os que possuem, a um ou outro título, poder de ressonância. (SIRINELLI, 1998, p. 265).

Lylia Galetti (2012) associa o progresso cultural ao progresso material em Mato Grosso, pontuando que:

Identificados com manifestações letradas e outras vinculadas ao patrimônio da cultura ocidental, os aspectos culturais foram bastante valorizados pelos mato-grossenses nas comparações com os demais estados da federação, sendo vistos como índices fundamentais de civilização. Assim, aquelas que levavam em conta os aspectos econômicos não raro faziam referência aos ganhos culturais, vistos como um resultado do progresso material [...]. (GALETTI, 2012, p. 300).

De um lado, o cenário nacional não era o mais promissor em relação à apropriação pela leitura de dispositivos da natureza dos impressos, como bem destaca Eliana Dutra (2005) ao sinalizar, em relação ao Rio de Janeiro, que “[...] esse quadro, quase dramático, de falta de leitores para livros e jornais não impedia novas iniciativas editoriais e tampouco arrefecia a expectativa de ‘caça’ de novos leitores” (DUTRA, 2005, p. 22). Por outro lado, em Mato Grosso, ao se posicionarem nos dispositivos de circulação de informação como autores, os intelectuais fizeram circular o modo de pensar e condicionar a realidade social pautando crenças e projetos ideológicos vinculados aos grupos a que pertenciam.

Os jornalistas, categoria ainda fluida em termos profissionais, desfrutavam de legitimidade social, pois se vinculavam à produção, circulação e divulgação de valores. Não raro, os jornalistas atuavam junto à Escola Normal de Cuiabá, no Liceu Cuiabano e em outras instituições escolares, permitindo a ampliação do conceito de intelectual, compreendido para além dos membros de Associações Científicas ou Literárias, dos Institutos Históricos do Rio de Janeiro e, posteriormente, de Mato Grosso ou conceituados memorialistas, referenciados por uma parte da historiografia mato-grossense. Nessa direção, as observações de Maria Teresa dos Santos Cunha, ao analisar o papel de professores na produção de manuais de normas de civilidade, corroboram com este entendimento:

professores são considerados gente de letras, são intelectuais: aqueles que escrevem e produzem ligados às demandas do seu tempo. Gentes de letras lêem e escrevem; pelas artes da escrita *salvam* os seres humanos do esquecimento, transmitem as suas interioridades, mesmo aos distantes ou ausentes, eternizam em folhas ideias e saberes, elevam a significados diversos a ordem do existente. (CUNHA, 2007, p. 97, grifo no original).

Há que se considerar, para o exame das mediações culturais e circulação de ideias, os diálogos estabelecidos para além das fronteiras mato-grossenses, via permutas/trocas entre os jornais, o que colocava Mato Grosso em uma rota significativa de lugares pelos quais a informação precisava chegar. Registram-se o recebimento de notícias de Campinas (SP), Pelotas (RS), Rio de Janeiro. Em 1881, lia-se n’ *O Corumbaense*:

Jornaes: Recebemos pelo último paquete os seguintes jornaes, cuja remessa agradecemos: O Cruzeiro, Gazeta de **Campinas**, Diario de **Santos**, O **Cearense**, O Regenerador, Tribuna

do Commercio, Baixo **Amazonas**, Gazeta de **Uberaba**, A Provincia de **Minas**, Monitor Campista, O Commercio, O **Espirito Santense**, Diario de Noticias, O Leopoldinese, O Tribuno e *Le Messenger Du Brésil*. (Noticiario, O CORUMBAENSE, n. 60, 16/02/1881, p. 02, grifo nosso).

Os recursos de transcrição das notas da imprensa nacional e estrangeira, frequentemente utilizados pelos redatores no período, são entendidos como estratégias discursivas as quais fomentam os princípios de circulação de ideias: formas de evidenciar o conjunto de referências tidas como modelares para a implementação de práticas culturais e sociais. Tais recursos revelam o conhecimento de situação de outras localidades, internas e externas ao país, fomentam e estimulam o desenvolvimento, em conformidade com os padrões que se almejava para o período. Ao eleger sistemas de referência, pautados pelo sucesso obtido, a imprensa mato-grossense se revela atenta à movimentação sociocultural do mundo moderno, direcionando seus esforços para que essas conquistas chegassem até o Brasil Central.

Editores, articulistas e redatores tornaram-se personagens importantes, pois traduziram, por meio da sua escrita, determinados modos de ver e entender a sociedade, a partir das mediações que efetivam com o público leitor e não leitor.

À guisa de conclusão: por uma história dos intelectuais mato-grossenses a partir da imprensa

Em texto inaugural sobre história dos intelectuais, José Murilo de Carvalho assevera que muitos dos intelectuais que publicavam nos jornais de época assumiam publicamente o papel de “educadores da opinião, de pedagogos da cidadania, ou, na linguagem da época, de divulgadores das luzes. O próprio nome do jornal às vezes reflete tal propósito” (CARVALHO, 2000, p. 139). É possível ainda qualificar os dispositivos da imprensa desempenhando essa função social, formativa, ainda que não se proponham a sê-lo: são formativos também quando ampliam a dimensão cultural de seus leitores, oferecendo indicação de leituras e livrarias onde se adquirem os títulos sugeridos; anúncios de publicações autorais, que podem auxiliar no aprendizado escolar, ainda que não tenha sido oficialmente adotada como manual de ensino, sendo esta também uma estratégia de publicar os escritos na época. Orientam também os protocolos de leitura de outros dispositivos impressos. A mediação cultural é, por definição, educativa, pois parte de um princípio que os sujeitos históricos pretendem deixar um legado de conhecimentos aos pósteros.

A figura do intelectual, como sujeito pensante e agente, ganha centralidade e concretude. Os intelectuais têm um processo de formação e aprendizado, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político. Nessa acepção, o conceito de intelectual é, como todos os conceitos políticos e sociais, fluido e polissêmico. (GOMES & HANSEN, 2016, p. 12).

Assim, como evidencia Ângela Castro Gomes (2013), atuar em jornais e em revistas “era fundamental, não só porque fazia parte de qualquer estratégia de ascensão intelectual, o que não ocorria sem suportes políticos-sociais, mas também porque os periódicos eram a base da circulação de ideias da época” (GOMES, 2013, p. 46), recorrendo aos jornais como espaço de manifestação, ampliação e adesão.

Por meio dos jornais examinados é possível afirmar que os intelectuais mato-grossenses figuraram-se em diversos espaços sociais, com atuação profissional diversificada entre os anos de 1880 a 1920, ocuparam cargos políticos e públicos, assim como participaram da continuidade da linha sucessória e administrativa dos bens e patrimônios das famílias tradicionais as quais pertenciam. Atuaram em chefias de polícia, inspetoria de terras, coletoria de impostos, e em boa medida nas instituições de ensino, fundando escolas, externatos e internatos, bem como nas escolas tidas como formadoras da elite jovem de Mato Grosso, como os Liceus Cuiabano e Salesiano. Transitaram pelo campo educacional, atuando como professores, lentes de cadeiras consolidadas e de destaque no ensino secundário mato-grossense, o que lhes conferiam potencial ampliação do espaço de circulação de suas ideias, ainda que estivessem sob a chancela de uma instituição educacional, crivada por regras inclusive religiosas. À frente de instituições de ensino, gozavam de atributos de autoridade e legitimidade inclusive na formação dos leitores dos jornais nos quais participavam como autores, colaboradores ou eram proprietários. “Esse intelectual muitas vezes ocupa um cargo estratégico numa instituição cultural, pública ou privada, numa associação ou organização política, ou atua desde um lugar privilegiado numa rede de sociabilidade, de onde protagoniza projetos de mediação cultural de enormes impactos políticos” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 19).

A presença de membros das estruturas eclesiásticas merece registro, visto que entre os anos de 1900 a 1920 as contribuições destes religiosos consolidaram-se como marca significativa na conformação do pensamento histórico em Mato Grosso, dada a profusão das Missões que se estabeleceram no território, das ações evangelizadoras e educacionais que empreenderam, utilizando-se da imprensa para divulgação de obras e investimentos em prol da modernidade, progresso e civilização naquelas terras.

Inserem-se, pois, na dimensão teórico-metodológica apresentada por Gomes e Hansen (2016), de intelectuais mediadores: ao instarem o debate, reflexão e conhecimento sobre aspectos da história de Mato Grosso, transpuseram o campo da produção histórica. Ao associar os nomes às ideias, não se pretende criar formulações apologéticas sobre esses ou aqueles sujeitos, visto que este estudo não se propõe a isso, tão pouco o espaço deste texto permitiria. A chave de leitura que perpassa essa proposta de investigação assenta-se na importância da imprensa jornalística como espaço privilegiado da atuação de todos esses sujeitos, ainda que uns mais que outros, configurando esse espaço como de “compartilhamento de sentimentos, sensibilidades e valores, que podem produzir solidariedades, mas igualmente competição” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 24).

Os intelectuais identificados no mapeamento tiveram, em algum momento de sua trajetória profissional em Mato Grosso, atuação na imprensa, majoritariamente na produção de textos. Esta constatação já vem sendo feita em diversas localidades do país, e os próprios

autores com os quais esse estudo dialoga reforçam essa importância, assim como o papel dos jornais e revistas como espaços polissêmicos de manifestação de ideias. No entanto, destaca-se que, em Mato Grosso, essa história da imprensa ainda está por ser feita.

Os anos entre 1880 a 1920 foram emblemáticos na consolidação de grupos de intelectuais em Mato Grosso, que pautaram a imprensa periódica e a produção dos impressos como lugar privilegiado de sua projeção. Tal constructo corrobora para o entendimento de que o estudo dos e sobre os impressos mato-grossenses merece lugar de desvelo na produção da historiografia regional, visto que alinha os interesses, aponta as disputas, evidencia direta e indiretamente os debates e embates de grupos que se alternam no poder, demonstram espaços de sociabilidades e redes de relação feitas e desfeitas a propósito dos interesses de “plantão”.

Permite evidenciar outros sujeitos históricos que ampliam a pequena rede de historiadores reverenciada na produção do e sobre o Estado, assentada no “grupo de notáveis” (ZORZATO, 1998), justificada em boa medida pelo lugar social (nobiliárquico, como sinalizaria José de Mesquita de acordo com Zorzato (1998) dado pelas origens familiares e derivadas das uniões maritais entre essas famílias, somando-se ao fato de que muito da produção desses outros “notáveis anônimos” circulou pelos mesmos espaços reverenciados de produção do conhecimento que os anteriores, não tendo, contudo, a projeção de seus consórcios.

Por fim, importa destacar que se abrem outras possibilidades de estudo sobre a temática, a partir da tipologia documental imprensa periódica, ampliando matrizes do pensamento, dando visibilidade a outros sujeitos, outros temas, e outras formas de interpretação da história dos intelectuais de Mato Grosso.

Notas

1 Data de 20 de dezembro de 1907 a legislação que obriga a remessa à Biblioteca Nacional de no mínimo um exemplar de todas as obras impressas produzidas e postas em circulação no Brasil (RIO DE JANEIRO, Decreto nº 1825). Sobre o tema, vale ainda consultar o texto “A legislação de imprensa desde o Brasil Colônia até a época de Vargas”, parte integrante do Anuário da Imprensa Brasileira, disponível no CPDOC/FGV, consultado em janeiro/2011. Consta do documento a relação de nomes de cidadãos mato-grossenses cadastrados e registrados como jornalistas. Ver: Anuário da Imprensa Brasileira, 1939, p. 65 (FGV, 2011).

Fontes

A Província de Matto Grosso. Edições de 1880 a 1890. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010.

O Brazil. Edições de 1900 a 1910. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (Cuiabá), 2010.

O Corumbaense. Edições de 1880 a 1890. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010.

O Matto Grosso. Edições de 1890 a 1920. Cuiabá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010.

Republicano. Edições de 1890 a 1920. Cuiabá. 2010. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010; Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: APE-MS, 2011.

O Expectador. Edições de 1880 a 1890. Cuiabá. 2010. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010; Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: APE-MS, 2011.

Oasis. Edições de 1880 a 1900. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010.

Autonomista. Edições de 1900 a 1910. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010.

A Reacção. Edições de 1909 a 1912. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2017.

Referências

ANDRADE, Maria Lucia de. Dario Vellozo e a escola moderna: a renovação do pensamento educacional no Paraná (1906-1918). In: VIEIRA, Carlos Eduardo (Org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná** (1886-1964). Curitiba: Ed. UFPR, 2007. p. 191-216.

BOTO, Carlota. **Instrução Pública e Projeto Civilizador:** o século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.

CANAVARROS, Otávio. Embates ideológicos na imprensa de Cuiabá. In: PERARO, Maria Adenir (Org.). **Igreja Católica e os cem anos da Arquidiocese de Cuiabá (1910-2010)**. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2009. p. 359-366.

CARVALHO, Jose Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**. Rio de Janeiro, n. 1, 2000. p. 123-152.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Ser de cerimônia: Manuais de civilidade e a construção de sujeitos históricos (1920-1960). In: NEPOMUCENO, Maria de Araujo, TIBALLI, Eliana Figueiredo Arantes (Org.) **A Educação e seus sujeitos na História**. Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 2007.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes Literários da República:** história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

FALCO, Sthefany de Souza Ribeiro; PINTO, Adriana Aparecida. Revistas como fonte para o estudo da História das Mulheres – Revista Matto Grosso (1904-1915) . In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 8., 2017. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2017. p. 2291-2300.

FANAIA, João Edson de Arruda. **Elites e Prática Políticas em Mato Grosso na Primeira República (1889-1930)**. Cuiabá: EdUFMT – Fapemat, 2010.

GALLETTI, Lylia da S. Guedes. **Nos Confins da civilização**: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. 2000. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000.

GALLETTI, Lylia da S. Guedes. **Sertão, Fronteira, Brasil**: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. **LIVRO**, Cuiabá, MT: Entrelinhas: EdUFMT, 2012.

GOMES, Angela de Castro. **História & Historiadores**. 1. reimpr. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 2013.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. (Org.) **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Sibebe. **O Episcopado de D. Carlos Luiz d'AMOUR (1878-1921)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2003.

NOVAES, Adauto (Org.) **O Silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PINTO, Adriana Aparecida. **A Revista Matto Grosso em um itinerário de pesquisa**: Mapeamento da Revista Matto-Grosso em Arquivos de Cuiabá. Mimeo. 2010.

PINTO, Adriana Aparecida. **Imprensa e ensino**: catálogo de fontes para o estudo da história da educação mato-grossense. Dourados, MS: EdUFGD, FUNDECT, 2017.

PINTO, Adriana Aparecida. **Nas páginas da imprensa**: instrução/educação nos jornais em Mato Grosso: 1880-1910. 2013. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2013.

PINTO, Adriana Aparecida. **Relatório de Pesquisa** relativo ao Estágio de Pós-Doutorado em História. São Paulo: UNESP, Assis. Supervisão Tania Regina de Luca. 2018. (mimeo).

RIBEIRO, Renato Janine. O cientista e o intelectual. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 137-151.

SCHUELER, Alessandra Martinez de. Práticas de escrita e sociabilidades intelectuais: professores-autores na corte imperial (1860-1890). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2018. Aracaju, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Dir.) **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. (Coleção Nova História).

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.) **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, João Carlos de. **O sertão cosmopolita**: tensões da modernidade de Corumbá. (1872-1918). São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2008.

VIEIRA, Carlos Eduardo (Org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

WOLFF, Francis. Dilema dos intelectuais. In: NOVAES, Adauto (Org.) **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 45-69.

ZORZATO, Osvaldo. **Conciliação e identidade**: construções sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983). 1998. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

Recebido para publicação em 06 de julho de 2018
Aceito para publicação em 12 de setembro de 2018